

Augustinus homo dialecticus – Agostinho em defesa da dialética no Contra Crescônio, gramático e donatista

Cristiane Negreiros Abbud Ayoub

UFABC

INTRODUÇÃO

A concepção agostiniana de dialética raramente foi pesquisada na obra *Contra Crescônio, gramático e donatista* de Agostinho de Hipona,¹ o que se constata nos levantamentos bibliográficos fornecidos por Matteoli e Sieben em *The Oxford Guide to the Historical Reception of Augustine* (2013), por Tilley em *Augustine Through the Ages* (2009), por Moreau no *Augustinus Lexikon* (1996-2002) e por De Veer em sua excelente introdução a tal tratado, publicada na coleção *Bibliothèque Augustinienne* (1968). Os títulos que compõem tais bibliografias voltam-se para: (1) a situação histórica dos séculos III e IV (a coerção religiosa na África setentrional no fim do Império Romano, a legitimação da repressão ao donatismo e suas causas políticas e econômicas, relações entre Igreja e Estado, a disputa entre católicos e donatistas, o papel e o posicionamento de Agostinho nesse contexto); (2) a defesa de Agostinho em relação ao bom uso da gramática e da eloquência (ou retórica); (3) questões literárias (o método da controvérsia); (4) noções teológicas (cisma, maximianismo, heresia, penitência, reconciliação, batismo, entre outras); (5) autoridade das Escrituras na polêmica contra Crescônio. Encontrei maior atenção

1 *Ad Cresconium grammaticum partis Donati libri quattuor*, CSEL 52,325-582 [24], doravante referida como *Contra Crescônio* e abreviada como *Cresc.* seguindo a padronização de *Augustine's works and critical editions* estabelecida por Cornelius Mayer em *Augustinus Lexikon*.

dada ao *Contra Crescônio* apenas em Jean Pepin e em Therese Fuhrer. Isso não significa que outros comentadores não tenham notado a relevância da dialética nesse tratado, e sim que não o elegeram como central em suas pesquisas.² Nesse sentido, com o presente artigo, pretendo mostrar como a dialética é uma arte indispensável ao pensamento organizado, e sua defesa na obra *Contra Crescônio, gramático e donatista* de Agostinho.

Nessa obra, Crescônio acusa Agostinho de ser um *homo dialecticus*, que tomava o falso pelo verdadeiro e o verdadeiro pelo falso com intuito de desvalorizar a refutação agostiniana do donatismo. A resposta de Agostinho busca a universalização necessária a uma querela sobre a dialética enquanto ciência, e defende sua eminência como ciência das ciências, por servir para separar e descartar o falso em prol do verdadeiro. Para Agostinho, Crescônio perverte a definição de dialética e a coloca a serviço das premissas falsas do donatismo, admitindo-as como se fossem verdadeiras.

1. BREVE CONTEXTO E ESTRUTURA DO *CONTRA CRESCÔNIO*

O *Contra Crescônio* foi escrito no calor da assimilação legal dos donatistas aos heréticos, em 405, quando o Imperador Honório ordenou Diotimo (procônsul da África) a aplicar rigorosamente leis contra os donatistas.³ Therese Fuhrer, no artigo “Agostinho sobre a retórica e a dialética”, pontua que as graves implicações práticas do *Contra Crescônio* são consenso entre os estudiosos, e ela denuncia a gravidade de tais penas: “a Igreja donatista e seus membros deveram aceitar as consequências de suas decisões em termos de perseguição militar, violência, expropriação, até a total dizimação da seita. Embora seja um capítulo cruel na carreira episcopal de Agostinho, este é o único exemplo em sua biografia de como conclusões silogísticas podem acarretar consequências fatais e radicais”.⁴ Nesse tratado agostiniano, a dialética extrapola a teoria da argumentação ao colocar-se a serviço da legitimação da perseguição aos donatistas.

2 No *Praefatio* da edição crítica do *Contra Crescônio*, Petschenig afirma que dificilmente se encontra em Agostinho uma obra tão cheia de arte dialética (“*tam plenum sit artis dialecticae*”, p. xi-xii).

3 Ver a nota complementar 36, p. 810, na edição da Bibliothèque Augustinienne.

4 Fuhrer, “Augustine on Rhetoric and Dialectic in Theory and Practice”, p. 112

Além do aspecto histórico, o mesmo texto pode ser estudado como uma apologia à dialética, visto que Agostinho disputa argumentativamente contra a acusação que Crescônio lhe fizera de ser um dialético e converte-a em um esclarecimento elogioso sobre a natureza dessa arte liberal. Esse aspecto será destacado neste artigo, mediante o parecer de Agostinho sobre a dialética. Portanto, parece importante que o presente artigo disponibiliza uma linha leitura mais voltada ao aspecto teórico de um texto que francamente serve à polêmica antidonatista. Resta verificar, quanto aos ganhos dessa proposta, se existem e qual é sua relevância.

O *Contra Crescônio* é um tratado polêmico e antidonatista que apresenta uma resposta direta de Agostinho contra o ataque feito por Crescônio⁵ ao conteúdo das cartas de Agostinho endereçadas ao bispo donatista Petiliano, de Cirta. A obra em questão funciona, dessa forma, como uma refutação de Agostinho aos escritos de Crescônio em defesa de Petiliano.⁶

Elaborada em discurso direto e dirigida a Crescônio, a obra cita trechos dos escritos deste gramático donatista com a finalidade de rebatê-los, reproduzindo um debate. Os quatro livros que compõem a obra se dividem em duas refutações completas à carta do gramático Crescônio, uma que se estende do Livro I ao III, e outra restrita ao Livro IV.⁷ Na primeira contestação (Livro I ao III), Agostinho ocupa-se de todos os pontos da carta do donatista, discutindo a gramática, a dialética e a eloquência – este é o grupo de textos que nos interessa. Já no Livro IV, desenvolve-se a segunda refutação da íntegra da carta do donatista, mas não nos ateremos a essa parte da obra, já que nela Agostinho vale-se de argumentos majoritariamente fundamentados na história do maximianismo.⁸ Como um todo, é notável que a obra exemplifique o bom uso da dialética

5 De Veer, na introdução que escreve ao *Contra Crescônio* para a edição da coleção Bibliothèque Augustinienne, destaca que, exceto o livro II do *Contra as cartas de Petiliano*, nenhum tratado anterior ao *Contra Crescônio* fora diretamente endereçado a Agostinho. O costumeiro era Agostinho debater documentos donatistas contra os católicos, mas não direcionados diretamente a eles.

6 Os detalhes sobre como Agostinho tomou conhecimento dos escritos de Crescônio podem ser consultados em *Cresc.* I,1,1. A polêmica de Agostinho contra Petiliano encontra-se documenta em *Contra as cartas de Petiliano (Contra litteras Petilianî)*.

7 A refutação pertence ao discurso deliberativo, laudativo e sobretudo defensivo em temas litigiosos (cf. Cícero, *Tópicos*, 24, 93-97). Esse foi um gênero literário empregado por escritores que combatiam heresias. Nota 49 “Avantages et inconvénients d’une technique de réfutation”, p. 834-837.

8 O Livro IV não pertencia ao plano inicial da obra. Contudo, enquanto escrevia o Livro III, Agostinho

(de regras de argumentação e disputa), além de exibir domínio de gramática, eloquência, hermenêutica bíblica e dos argumentos donatistas. Trata-se de uma obra-prima do ponto de vista formal e de conteúdo e, por isso, seria imprudente buscar reproduzir o sabor do próprio texto.

2. A POLÊMICA

O pano de fundo da polêmica agostiniana é o combate à posição donatista segundo a qual seria necessário reiterar, com os donatistas, o batismo conferido pelos sacerdotes católicos, pois estes denegaram a religião quando da perseguição dos cristãos pelo Imperador Diocleciano e, passado o acossamento, voltaram às suas funções clericais, dispensando o batismo pela remissão dos pecados dos fiéis. Segundo os donatistas, um sacerdote deveria manter-se sem pecados para ministrar o batismo, o que não fora o caso dos “traidores” cristãos, que entregaram suas bíblias aos perseguidores como ato de denegação de sua fé, a fim de se safarem das duras penas impostas aos cristãos. Segundo essa seita, o batismo fora do donatismo teria se contaminado pela hipocrisia de seus sacerdotes e deveria ser renovado pelo batismo do donatismo. Agostinho, em contraposição, defendia que não seria a santidade de um sacerdote que batizava, mas o Espírito Santo incorruptível e, portanto, o batismo donatista seria uma farsa.

Ao acusar Agostinho de ser um *homo dialecticus*, Crescônio argumenta condenando a eloquência e a dialética, “que, por seus culpáveis artifícios de linguagem, torna verdadeiro o que é falso e falso o que é verdadeiro”.⁹ Ou seja, os ataques dirigem-se à Agostinho e atingem a dialética. A depreciação da dialética, por sua vez, seguia o julgamento popular que a identificava como fabricante de mentiras, e consta no panfleto de Petiliano.¹⁰ Em seu contra-ataque,

percebeu que poderia refutar a carta de Crescônio também retomando a história do maximianismo, e decidiu acrescentá-la à obra. Cf. *Retract*, II,26.

9 *Cresc.* II,18,23. Conferir também *Cresc.* I,1,2-3,3.

10 A mesma apreciação contradialética aparece no panfleto de Petiliano, v. *Contra Litt. Pet.* III,16,19. Petiliano acusava Agostinho de reencarnar o detestável gênio do acadêmico Carneades; e de se assemelhar a Protágoras (ver *Contra litt. Pet.*, III,21,24; II,21-25,26ss). O emprego da dialética e o estudo das categorias aristotélicas render-lhe-iam também a pecha de “Aristóteles púnico”, conforme lemos em *Contra Juliano, obra incompleta*, III, 119. Crescônio também deprecia o uso da eloquência que, em sua apreciação, seria uma arte maldosa que, conforme Platão (*Leis*, XI, 837e-938c), impossibilita o julgamento correto na cidade e que “deve

Agostinho enaltece a dialética e utiliza-a para desbançar Crescônio como alguém que subverte intencionalmente o sentido dessa arte, utiliza-a tecnicamente mal e, ao depreciá-la, acaba de-negrindo a si mesmo como hipócrita e medíocre. E quem foi Crescônio?

2.1. CRESCÔNIO

Conhecido apenas pelos relatos de Agostinho, inegavelmente tendenciosos, Crescônio era um donatista laico (sem função clerical) que se aventurou num debate normalmente restrito aos bispos,¹¹ lançando-se a uma polêmica bastante específica para alguém desprovido de conhecimento histórico e escritural. Frente a isso, Agostinho censura-o: “Se não és instruído com profundidade, por que não podes se calar ou ao menos falar como quem deseja se instruir?”¹²

Crescônio mostrava-se um bom gramático, porém, era também um amante do falar por falar e de controvérsias por elas mesmas, sem o propósito de alcançar a justiça (pela eloquência) ou de descartar enganos para alcançar a verdade (dialética). Segundo Agostinho, essa foi a razão para Crescônio ter se intrometido nessa contenda episcopal, na qual ele acusa a eloquência e a dialética.¹³ Conforme De Veer, a profissão de Crescônio “era ensinar gramática e literatura às crianças, as quais, tendo apreendido noções elementares da leitura, da escrita e do cálculo, eram encaminhadas a continuar sua educação percorrendo o ciclo das artes liberais. Nesse ciclo, a

ser banida da sociedade humana”. Cf. *Cresc.* I,2,3.

11 *Cresc.* I,1,1; II,5,7. De Veer, “Introduction”, In: Augustin, *Traité Anti-donatistes, vol. IV: Contra Cresconium libri IV, De único baptismo* p. 16 (nota 5), e p. 18.

12 *Cresc.* I,3,4: “*Si ergo penitus non instructus es, cur non potius taces aut ita loqueris, ut instrui te desideres?*”.

13 *Cresc.* I,1,2: “Le bavardage est un flux de paroles inutiles, le défaut que cause l’envie de parler. Souvent ceux qui aiment à parler, ce sont des gents qui ne savent même pas ce qu’ils disent ni comment le dire, qu’il s’agisse de la logique dans les idées ou bien de la morphologie de la syntaxe qu’enseigne la grammaire” (*Multiloquium autem est superflua locutio, vitium scilicet loquendi amore contractum. Plerumque autem loqui amant, etiam qui nesciunt quid loquantur, vel quomodo loquantur, sive ad sanitatem sententiarum, sive ad ipsum qui per artem grammaticam discitur, integrum sonum ordinemque verborum*). Essa passagem, além de criticar o vício da tagarelice, oferece a definição de *ars grammatica* em *integrum sonum ordinemque verborum*. Ela lida com a morfologia (*sonum*) e com a sintaxe (*ordinem*) dos termos (*verborum*). A gramática inclui também o recurso a autores clássicos, como Vergílio, mencionado por Agostinho quando ele elabora sua discussão sobre o valor do comparativo (*Cresc.* III,75,87. Cf. De Veer, “Ars grammatica”, nota complementar 1, p. 741-42).

gramática era a primeira etapa, seguida pela dialética e pela retórica”.¹⁴ Esse caráter preliminar da gramática em relação à dialética será relevante para a argumentação de Agostinho.

Crescônio, “na arte das palavras, não era um erudito medíocre”, mas sim “um grande erudito liberalmente” (*sic.*) (das disciplinas liberais).¹⁵ Ora, considerá-lo como um grande erudito nas artes liberais significa pressupor que possuísse uma formação liberal nos moldes clássicos. Tendo sido educado conforme o ciclo das artes liberais, ele estudara as artes em uma sequência determinada de modo que a posterior pressupunha a anterior, tal como lemos no *De ordine* de Agostinho: ensinava-se primeiro a gramática, depois a dialética, a retórica, a música, a geometria, a astronomia e, por último, a filosofia. Portanto, se Crescônio possuía conhecimento de dialética, o que se confirmava por sua argumentação “sutil e arguta”,¹⁶ conhecia também a eloquência, o que se verifica por suas exposições ornamentadas.¹⁷ Assim, é armado com sua gramática, dialética e eloquência que Crescônio intervém no debate interepiscopal; o que lhe parecia suficiente para servir como “porta-voz dos bispos donatistas” (De Veer, “Introdução”, p. 17).¹⁸ Entretanto, diagnostica Agostinho, o principal problema de Crescônio reside no seu uso gramatical da dialética e da eloquência, o que, dada a sequência das disciplinas, é um uso insipiente.

Além disso, Agostinho reputa Crescônio como um homem de engenhoso, cheio de vivacidade e inteligência.¹⁹ Tais elogios, no seio de uma polêmica, entretanto, fortalecem o adversário para que seu tombo seja mais grave e, no caso em questão, servem para sublinhar o contraste e evidenciar as falhas da argumentação de Crescônio. Sendo inteligente e formado nos moldes

14 De Veer, “Introduction”, In: Augustin, *Traité Anti-donatistes, vol. IV: Contra Cresconium libri IV, De único baptismo*, p. 14. Crescônio era um “*Afer in Africa*” (*Cresc. IV, lxvi, 83*). Agostinho segue Varrão nesse caráter introdutório da gramática no hall das disciplinas liberais. Cf. também Marrou, *Saint Augustin et la fin de la culture antique*, p. 10.

15 *Cresc. II, 12, 15*: “*In arte uerborum non mediocriter doctus*”; “*tu, qui sis tam liberaliter eruditus*”.

16 *Cresc. II, 18, 23*, p. 204: “*qui dialecticam didicisti*”; *Cresc. I, 13, 16*, p. 104: “*uideo te quaedam uero subtiliter arguteque explicare, hoc est dialiectice*”.

17 *Cresc. I, 13, 16*: “*uideo te copiose ornateque explicare, hoc est eloquenter*”.

18 *Cresc. I, 3, 4*, p. 76.

19 Reproduzo as referências levantadas por De Veer (notas 6-8, pág. 15): “*te bono ingenio praeditum uirum*” (*Cresc. IV, 3, 3*); “*pro ingenii tui vivacitate*” (*Cresc. I, 22, 27*); “*Quid, quid tantum praeualet in ingenio tam bono causa tam mala, homo cordate, homo litterate?*” (*Cresc. IV, 31, 38*).

da educação clássica, ele não poderia contar com a prerrogativa de desconhecer seus erros, e seu artil argumentativo é duplamente desqualificado por Agostinho: primeiro porque Crescônio é avaliado como um contencioso hipócrita quanto à gramática, dialética e eloquência (conhece e usa uma definição errada com o intuito de defender aquilo em que acredita); segundo, em razão de sua ignorância imprudente e orgulhosa quanto aos fatos históricos e às Escrituras. Agostinho irá disputar e mostrar a fraqueza de Crescônio em todos esses campos.

2.2. LINHAS GERAIS DA POSIÇÃO AGOSTINIANA

A defesa de Agostinho despersonaliza a acusação que Crescônio lhe endereçara. Ele opõe-se às bases do raciocínio de seu oponente ao defender a eloquência e a dialética, se forem bem compreendidas e alistadas à justiça e à verdade.

No diagnóstico de Agostinho, Crescônio resume-se a um gramático profissional e nada mais, o qual não compreendeu a progressão das disciplinas. Ao que me parece, um dos aspectos da crítica agostiniana a Crescônio dirige-se à obtusidade de sua visão – ele avalia tudo a partir de um ponto de vista gramatical, ou infantil. Ademais, um erudito como Crescônio depreciar a dialética é algo descabido, pois ele conhece o mérito dessa arte; a menos que sua posição parta de uma régua conceitual comprometida com o donatismo e com o vício da tagarelice e, dessa perspectiva, avalie pervertidamente a veracidade e a utilidade da dialética. Neste caso, fica entendida a razão do uso superficial e desorientado (como um mal gramático) que Crescônio faz da arte dialética: as premissas dele são falsas e acarretam argumentações fracas e incompletas, além de conclusões falsas.

3. DEFINIÇÃO DE DIALÉTICA NO *CONTRA CRESCÔNIO*.

3.1. ETIMOLOGIA

Agostinho segue a tradição dialética e principia sua exposição pela definição etimológica do termo – procedimento recomendado por essa arte para assegurar um início seguro para o exame de uma questão. Etimologicamente, *dialectica* equivale a *disputatio*, termos sinônimos: “o

que seria a dialética senão a perícia de disputar?”²⁰ Segundo Agostinho, se o costume linguístico permitisse, a palavra grega *dialectica* deveria ser substituída pela palavra *disputatoria*, e o dialético deveria ser chamado de *disputator*. A vantagem dessa substituição está em *disputatio* significar claramente um embate intenso, uma disputa que envolve dualidade.

Ora, se Crescônio fosse um bom gramático, teria recorrido à etimologia. Saltando esse início, ele começa mal: todo seu discurso traz o ônus de ele não saber ao certo sobre o que fala ao referir-se à dialética. Sem a compreensão da etimologia, ele incorre em erros elementares, como é notório na sua defesa de que Paulo tenha utilizado a *disputatio* e não a dialética no aréopago contra os estoicos. Seu erro é gramático: fia-se mais à sonoridade das palavras do que às coisas significadas. Os enganos de Crescônio provenientes dessa etimologia de matriz estoica fundam-se, na apreciação de Agostinho, em um erro mais fundamental, a saber, a atribuição aos sentidos do fundamento da significação; no entanto, no *Contra Crescônio*, Agostinho não desenvolve sua teoria da significação.

3.2. ASPECTO FORMAL

Terminada a exposição etimológica, quanto ao aspecto formal ela é a arte da disputa aplicada aos discursos a fim de distinguir o verdadeiro do falso neles e durante a controvérsia (*in loquendo*).²¹ Ora, a controvérsia não se restringe ao diálogo (perguntas e respostas), mas também lida com posições e contraposições apresentadas em uma exposição contínua (*sermo perpetuus*), como no texto do *Contra Crescônio*²² que forja um diálogo, já que Agostinho debate trechos selecionados da carta em que o donatista teria lhe acusado. Enfim, o dialético é aquele que, nas discussões, *veritatis a falsitate discretor* (I,15,19; 2,2,3).²³

20 *Cresc.* I,13,16: “*Quid est enim aliud dialectica quam peritia disputandi?*”. E, adiante, em *Cresc.* II,2,3, “a disciplina da disputa, queiras tu chamá-la de dialética ou de outra coisa...” (“*disciplina disputandi, sive illam dialecticam velis appellare sive quid aliud*”).

21 *Cresc.* II,2,3.

22 *Cresc.* I,16,20.

23 Os estoicos definiam a dialética como ciência da discussão direita em discurso por interrogação e resposta; e eles opunham a dialética à retórica que, segundo eles, era “a ciência de bem dizer em discurso corrente, corrido, contínuo (cf. *Stoicorum Vetera Fragmenta*, II, 48. Sêneca, *Ep.* 89, 17).

3.3. FUNÇÃO

Agostinho explica a função da dialética: trata-se de uma *doctrina*,²⁴ um corpo de saberes que pode ser ensinado. Assim, através do conhecimento e do exercício de um grupo de leis, a dialética alcança seu objetivo: distinguir o verdadeiro do falso. Tais preceitos da dialética regram os desenvolvimentos da razão na conexão de razões (*conexiones ratiocinationes*) e, assim, no encadeamento das proposições, sejam estas verdadeiras ou falsas. Por exemplo, a dialética estipula a seguinte regra para a verdade das premissas e conclusões: de duas premissas verdadeiras segue-se a verdade da conclusão; inversamente, de premissas em que pelo menos uma seja falsa segue-se a falsidade da conclusão. Por isso, sempre que houver uma conclusão falsa, cabe à dialética por à prova as premissas, pois, necessariamente, pelo menos uma delas será falsa. Esta é apenas uma das cinco regras da argumentação (ou dialética) estoica, e todas são adotadas por Agostinho.

Ademais, se uma *doctrina* refere-se a algo que pode ser ensinado e aprendido, no *Contra Crescônio* a dialética é precisamente a *doctrina* cujas regras são responsáveis pelo ensino e pela aprendizagem por fazerem que os alunos admitam verdades que antes ignoravam ou que se recusavam a crer. Isso porque há um encadeamento da verdade das proposições na dialética, mencionado há pouco: uma verdade é sempre consequência de outra(s) verdade(s) que eles já admitiam antes e da(s) qual(is) tinha(m) certeza, fosse por ciência ou por crença. Devido a esse princípio, os estudantes passam a consentir a uma verdade inicialmente recusada e julgada antes como falsa. Nesse sentido, segundo Agostinho, a dialética ensina a ensinar e a aprender.

3.4. O MÉTODO

Ora, quem é um verdadeiro *disputator*, isto é, que discerne o verdadeiro do falso, começa por se resguardar de fazer em si mesmo alguma distinção falsa e de enganar-se; o que não pode fazer se não agir com a ajuda divina. Depois, quando profere aos outros as suas aquisições pessoais, ensinando, ele considera primeiro o que eles já conheciam de certo, para conduzi-los disso àquilo que eles não conheciam ou em que não queriam crer, mostrando

24 *Cresc. I,13,16.*

que isso é consequência daquilo que eles já possuíam por ciência ou por fé. Desse modo, as verdades com que eles estavam de pleno acordo, obrigaram-lhes a aceitar outras verdades que eles rejeitavam; e, assim, o verdadeiro, que era julgado falso, a partir de então, se distingue do falso, quando ele está de acordo com o verdadeiro que já se possuía. (*Cresc.* I,15,19)²⁵

O verdadeiro dialético quer descobrir a verdade e dela convencer seu adversário. Para tanto, seu método procede por etapas. Há um trabalho preparatório que é a etapa inicial da dialética e que, segundo Agostinho, não pode vingar sem ajuda de Deus. Trata-se de o dialético resguardar-se de fazer distinções falsas e, assim, enganar-se a si mesmo. Em seguida, deve-se abordar o interlocutor buscando nele um ponto seguro de verdade, isto é, algo que ele tenha como certo em razão de seu saber (*scientia*) ou da confiança em uma autoridade (*fides*). Tendo-o identificado, o dialético serve-se desse apoio para conduzir passo a passo o interlocutor a aceitar aquilo que ele não sabia ou em que não queria crer. Ao lhe mostrar como a nova verdade proposta decorre logicamente daquela que o interlocutor já tinha como certa,²⁶ o dialético constrói um aprendizado verdadeiro e possibilita a ciência.

Esse método de discussão também é definido por acolher ao menos duas posições; e é por isso que ele se realiza pela forma dialogal real ou fictícia, a qual conduz o interlocutor, a partir de uma verdade admitida em comum, por um jogo de questões e respostas, para que, enfim, ele chegue à verdade de uma conclusão que, antes, apresentava-lhe dificuldade.²⁷ Há uma coerência entre método e forma. A arte da dialética consiste, segundo Agostinho, em convencer um interlocutor por meio das respostas que ele oferece. Assim, se o interlocutor propuser respostas inexatas, isso lhe será exposto e ele mesmo deverá lidar com elas, assumindo-as como próprias e não as atribuindo a seu adversário. O interlocutor deflagrado se envergonhará de resistir e

25 *“Qui autem verus disputator est, id est, veritatis a falsitate discretor, primo id apud se ipsum agit, ne non recte discernens ipse fallatur; quod nisi divinitus adiutus peragere non potest: deinde, cum id quod apud se egit ad alios docendos profert, intuetur primitus quid iam certi noverint, ut ex his eos adducat ad ea quae non noverant vel credere nolebant, ostendens ea consequentia his quae iam scientia vel fide retinebant: ut per ea vera de quibus se perspiciunt consentire, cogantur alia vera quae negaverant approbare; et sic verum quod falsum antea putabatur, discernatur a falso, cum invenitur consentaneum illi vero quod iam antea tenebatur.”*

26 *Cresc.* I,15,19.

27 *Cresc.* I,16,20.

permanecer com respostas inconsistentes. Ele terá vergonha não de seu adversário, mas de si mesmo, ao perceber que insiste em continuar com um ponto de vista equivocado. Esse aspecto da dialética, irônico, causa uma espécie de ridicularização do enganado, podendo levar à mudança de posicionamento ou mesmo de atitude.²⁸

3.4. AS REGRAS

Mas, de onde a dialética toma seus procedimentos? Seria arbitrária? O dialético mais experiente sempre seria o portador da verdade de que ele deseja convencer os demais, ditando as regras do jogo dialogal? Diferentemente dos sofistas, que se fiavam mais às regras do debate do que ao apreço pela verdade, e cujo adágio “se mentes, dizes a verdade”²⁹ era uma acusação de Crescônio ao “dialético” bispo de Hipona, Agostinho defende que a ciência dialética observa o bom funcionamento da razão, examina os procedimentos que conduzem a razão à verdade, e daí postula regras que, portanto, já vigoram informalmente. Assim, a dialética não inventa seus procedimentos nem institui seus princípios. Ela postula-os de modo a atentar à contradição e à perplexidade das palavras e dos discursos para mirar a verdade das coisas e não os interesses variáveis dos homens. A dialética é parte da filosofia, da busca pela sabedoria, e um instrumento passível de ser utilizado pelos homens que buscam conhecer algo verdadeiro e remover o erro de seus interlocutores. Não se trata de um exercício motivado pela “paixão por contendas”, a qual move alguns mais do que a busca pela verdade.³⁰

Além dos pressupostos e procedimentos da dialética, Agostinho observa que essa arte atribui um papel central ao sentido das palavras. Contudo, é preciso ter cautela quanto à exagerada importância conferida aos termos e suas contradições, e não os antepor à verdade das coisas. Segundo Agostinho, tal teria sido o erro dos estoicos e dos epicuristas que disputavam

28 Agostinho exemplifica a boa dialética com *Paulus dialecticus* (*Cresc.* I,12,15; I,14,17) e com *Christus dialecticus*. Paulo empregou esse método ao disputar contra os filósofos estoicos; Jesus utilizou-a contra os judeus (*Cresc.* I,12,15; I,14,17-20,25).

29 *Cresc.* II,13,28: “*si mentiris, verum dici*”. Cf. Cícero, *Acad.*, II, 30, 95.

30 *Cresc.* I,12,15.

entre si e aos quais Paulo se opôs no Areópago (2 Tim 2, 14).³¹ Os dialéticos desse tipo aproveitaram-se da *perplexitate locutionis humanae* (embaraços da linguagem humana)³² ou da situação³³ para colocar questões insidiosas a fim de provocar respostas e assentimentos irrefletidos. Tais armadilhas desencadeiam duas consequências: ou dão ocasião para os dialéticos deflagrarem os erros aos quais induziram seus adversários, gabando-se destes; ou esses assentimentos imprudentes levam todos a crer em erros dissimulados de verdades, conduzindo o adversário a uma convicção falsa e que esses falsos dialéticos passam a assumir como verdadeira – a falsidade produzida recebe estatuto de verdade, embora contradiga a verdade da coisa.³⁴

Há ainda outra regra da dialética que recomenda evitar o excessivo cuidado com a derivação das palavras — área de estudos da gramática que Agostinho atribui à dialética estoica. A regra dialética de moderação estipula que “quando se está certo da coisa, não se deve penar quanto ao nome”.³⁵ No embate com Crescônio, esse preceito leva Agostinho a se esquivar de querelas de palavras, priorizando que ele e seu adversário entendam a verdade da coisa examinada.³⁶

DIALÉTICA E ARTES LIBERAIS

A dialética é a ciência superlativa, a ciência que confere cientificidade a todas as outras ou, em poucas palavras, a ciência das ciências. A eminência da dialética, no entanto, parece receber pouca atenção na ordem do ciclo de disciplinas liberais de inspiração varroniana, no qual ela ocupa um lugar modesto: nem o primeiro, nem o último, mas o segundo lugar, sucedendo a gramática e antecedendo a eloquência (ou retórica).³⁷ Essas três disciplinas referem-se a usos da

31 *Cresc.* I,12,15; cf. II,18,23.

32 *Cresc.* II,18,23.

33 *Cresc.* I,17,21.

34 *Cresc.* I,15,19.

35 *Cresc.* II,2,3: “*Quod si disciplina disputandi, sive illam dialecticam velis appellare, sive quid aliud; satis tamen sobrie docet, cum de re constat, non esse de nomine laborandum; sicut non curo utrum ea ipsa dialectica vocetur, curo tamen quantum valeo, nosse ac posse disputare, hoc est, veritatem a falsitate in loquendo discernere; quia hoc nisi curavero, perniciosissime errabo*”. [grifos meus da parte citada no corpo do texto].

36 *Cresc.* I,13,16.

37 Lembremos a sequência disciplinar referida no *De ordine*: gramática, dialética, retórica, música, geome-

linguagem e sua diferença não é tão clara. Por exemplo, no tratado *Sobre a dialética*, Agostinho apresenta elementos de gramática em tal nível de detalhamento que é difícil separar o que é próprio da gramática daquilo que pertence à dialética. O mesmo problema ocorre em certos aspectos da dialética e da gramática no *Contra Crescônio*: embora cada uma das disciplinas tenha sua especificidade, seus domínios se interpenetram. A etimologia seria um exemplo de aspecto gramatical necessário como primeira certeza para o desenvolvimento da dialética.

Ainda quanto à gramática, o tratado *Contra Crescônio*, como já foi mencionado neste artigo, denuncia o uso gramatical da dialética como equivocado, e esse seria um dos erros de seu insipiente oponente. Mas como a gramática é definida? A gramática, além de primeira disciplina no ciclo das artes liberais, reúne e estuda as grandes obras de literatura,³⁸ como, por exemplo, Virgílio;³⁹ e, em seu repertório, as ficções recebem lugar privilegiado, não importando a verdade ou falsidade daquilo que se estuda. A gramática lida com as palavras, considerando seus sons,⁴⁰ derivação, etimologia e declinação;⁴¹ além disso, a gramática estuda a função das palavras nas frases (*ordinem uerborum*),⁴² e as regras de concatenação das frases (subordinação e coordenação), mas não formaliza o que torna um argumento válido ou não. Nessa arte, recomenda-se aplicar ou evitar algumas figuras de linguagem. No entanto, não pertence a seu escopo a figura da *anticategoria* ou retorção, específica à retórica, disciplina que requer um bom entendimento das regras da dialética,⁴³ o que a gramática não necessita. Útil aos demais saberes, a gramática recebe uma ressalva de Agostinho: quanto à verdade, a posição da gramática é ambígua, pois, por um lado, ela se volta para relatos que podem ser falsos, como as ficções, mas, por outro, ela compromete-se com a verdade naquilo que faz dela uma ciência, a saber, (1) a aplicação de definições, de divisões, de distinções; e (2) as relações de subordinação de frases, suas implicações e disjunções. Como todas as outras disciplinas, e mesmo sendo a primeira das disciplinas,

tria, astronomia e filosofia. Cf. *ord.* II,16,35-13,38.

38 *Cresc.* I,14,17.

39 *Cresc.* III,75,87.

40 *Cresc.* I,1,2.

41 *Cresc.* II,1,2 e IV,9,11.

42 *Cresc.* I,1,2.

43 *Cresc.* III,26,29; III,73,85.

a gramática deve sua cientificidade à dialética, o que é observado no aspecto da gramática que avalia o encadeamento das razões.⁴⁴ Portanto, a gramática, malgrado a falsidade que veicula, torna-se uma ciência verdadeira pela dialética.

Ora, quanto ao destinatário de Agostinho no *Contra Crescônio*, o alcance de sua reflexão limita-se à gramática, e, por isso, ele reduz tudo a um ponto de vista gramatical; portanto, sua perícia é propedêutica e reduzida. Devido a tal obtusidade, ele encontra nexos em acusar Agostinho de eloquente e de dialético (atributos que enalteceriam qualquer homem); e é só na perspectiva redutivista de Crescônio que este ofende Agostinho de ser um dialético, vituperando a dialética e pervertendo-lhe a definição. Crescônio descreve a dialética como arte cujas regras permitem argumentar eloquentemente para tomar a verdade como falsa e a falsidade como verdadeira.

Quanto à imbricação entre dialética e eloquência,⁴⁵ cabe lembrar que a eloquência (ou retórica) sucede a dialética e ocupa o terceiro lugar no curso das disciplinas. Na prática, segundo Agostinho, dialética e retórica estão profundamente relacionadas: ambas argumentam e utilizam as palavras visando o conhecimento da verdade, e ambas servem para discernir a verdade e a falsidade. No entanto, ambas as artes diferem formal e praticamente. Quanto ao aspecto formal, distinguem-se por sua forma literária:

A dialética ocorre no discurso, quando pela concisão se emprega as palavras e a língua, seja em uma exposição contínua, seja interrogando aquele que é coagido a responder o que é verdadeiro e que a partir disso é levado a outra verdade que era buscada, é aqui que se diz que a dialética reina maximamente". (*Cresc. I,16,20*)⁴⁶

A dialética é enxuta, precisa, arguta e "agressiva". Ela "coage" o interlocutor a responder, a mover-se na direção de outras verdades. Para Agostinho, o dialético raciocina com sutileza e

44 Como todas as outras disciplinas, e mesmo como primeira das disciplinas, a gramática deve sua cientificidade à dialética.

45 *Cresc. I,16,20*.

46 "[...] quando utique verbis et lingua ipsa constrictio sermonis exprimitur: sive illo utatur perpetuo, sive interrogando eum cum quo agit, cogat respondere quod verum est, et ex hoc ad aliud verum quod quaerebatur adducat, ubi maxime regnare dialectica dicitur."

precisão.⁴⁷ Em contraponto, a retórica vale-se de uma argumentação longa, ampla, em estilo rico e “florido”, ou enfeitado. Seu discurso é mais abundante, *uberior disputatio*.⁴⁸ Em síntese, Agostinho opõe retórica e dialética como a abundância, a prolixidade e o ornamento diferenciam-se da densidade, da precisão e do aprofundamento.

Ademais, dialética e retórica diferem também pelos serviços que prestam. A dialética instrui, mas é insuficiente para comover os homens que são prisioneiros de seus hábitos, pois não insita a ação humana. A comoção está a cargo da retórica, que é impura, mas necessária: ela distribui ao povo doçuras para que este queira se conduzir pelo que lhe é útil. Nessa apreciação, a dialética é um pouco desvalorizada, já que educa, mas lhe falta eficácia. Em contrapartida, a retórica também pode ser uma sedutora inescrupulosa,⁴⁹ já que ela é adaptada aos sentimentos da alma e à sensibilidade vulgar.

Ainda quanto à retórica, Agostinho sublinha que sua moralidade, tal como a da dialética, depende da orientação da vontade daquele que se instrui e faz um uso bom ou mal da ciência – que, em si mesma, é um bem. Mesmo o apelo sentimental e sedutor da retórica, oposto à coação dialética, pode ser tanto bem utilizado, e admoestar ao conhecimento da verdade, como mal utilizado, ao satisfazer o amor pelo corpóreo e ilusório. Agostinho exemplifica a ação da eloquência como a da arma ou dos instrumentos cirúrgicos. Aparentemente, um serve para proteger a vida e outro para matar, mas as armas podem ser utilizadas para defesa pátria, ou em revoltas; e os instrumentos cirúrgicos podem ser manipulados por excelentes médicos ou por charlatões. Em si mesmos, são instrumentos úteis para preservar a saúde, política ou física, tendo sido desenvolvidos com vistas ao bem. De modo similar, a eloquência deve ser estudada e bem empregada; e o mesmo exemplo se estende aos argumentos da dialética que coagem a fim de discernir a verdade e a falsidade; contudo, há homens “como os donatistas”, que se valem dessa ciência como rebeldes ou charlatões.⁵⁰

47 *Cresc.* I,13,16.

48 *Cresc.* I,13,16.

49 *Cresc.* I,16,20.

50 *Cresc.* I,1,2.

Após Agostinho ter desenvolvido sua posição sobre a natureza da dialética, ele repudia a denúncia que recebera de ser um *homo dialecticus* como desinformada, incompetente e desonesta. Então, ele reitera o veredito sobre seu opositor e que, devido ao teor universal das posições de Agostinho, estende-se aos donatistas. Segundo Agostinho, Crescônio usa a eloquência para condenar a eloquência e a dialética para combater a dialética. Usa-as mal. Ele é comparado aos dialéticos falsos que interrogam os imprudentes para enganá-los e tripudiá-los; e também aos judeus que tentaram colocar Jesus em dilema⁵¹. Suas investidas contra a dialética não são puramente especulativas, mas se integram em um debate sobre uma das questões axiais do cristianismo, o batismo. Acusando a dialética no intuito de desqualificar Agostinho e, finalmente e hipocritamente, desautorizar a reprovação agostiniana do batismo donatista. Este argumenta com falsidade, desfilando má formação e charlatanice; além de mostrar seu gosto por querelas para nas quais não tem capacidade de participar (por falta de conhecimento histórico e dificuldades de concatenar racionalmente proposições). Crescônio chega a acusar os dialéticos com uma antidefinição de dialética, culpando-os de ardilosamente fazerem do falso verdadeiro e do verdadeiro falso.⁵²

51 *Cresc.* I,17,21.

52 *Cresc.* II,18,23. Agostinho, além de fazer a defesa da dialética, responde sobre o batismo em três momentos. Primeiramente, Agostinho mostra que o donatismo não faz bom uso do verdadeiro batismo. Na sequência, ele argumenta defendendo que o donatismo não é bom, embora tenha o batismo, que é algo bom. Finalmente, Agostinho concluirá que o batismo não deve ser repetido com os donatistas. A argumentação agostiniana recorre às escrituras e à dialética, e baseia-se na convicção da convergência dessas duas vias. No *Contra Crescônio*, os textos escriturais utilizados por Agostinho são os mesmos usados por Crescônio na sua epístola de acusação contra Agostinho, e esses textos são em sua maioria de Paulo. Para Agostinho, embora Crescônio utilize-se de premissas verdadeiras das escrituras, sua argumentação inclui máximas falsas (portanto, suas deduções são falsas). O segundo e o terceiro livros da obra de Agostinho trazem o autor empregando regras da dialética para acusar e discutir os erros das teses e das práticas donatistas. Portanto, considerando que o intuito deste artigo é mostrar que o *Contra Crescônio* é uma obra que discute a natureza da dialética e a defesa do seu emprego, e não examinar como Agostinho emprega a regras dialéticas, não me detive na análise desses livros.

CONCLUSÃO

Pelo que foi exposto, o *Contra Crescônio* é um capítulo fundamental nos estudos sobre a dialética agostiniana. Nessa obra, a ênfase na eficácia da dialética para desfazer dissimulações e para, a partir de uma conclusão falsa, buscar a falsidade do(s) antecedente(s) no seio de uma polêmica, é embasada e fortalecida por exemplos em que Agostinho identifica a falsidade nos discursos de seu oponente. Portanto, o mérito da dialética não apenas é descrito, mas também é bem utilizado pelo filósofo. Crescônio, o gramático donatista, recrimina a dialética a partir de uma definição equivocada (disciplina que habilita a tomar o verdadeiro pelo falso e o falso pelo verdadeiro), comprometida com sua perspectiva gramatical (iniciante) e com a defesa donatista (seu mau uso). Ele combina verdades das escrituras com outras verdades aparentes que são falsas para defender a validade exclusiva do batismo donatista, e ignora o preceito da dialética que, apenas a partir de premissas verdadeiras conclui-se outra verdadeira, pois, se uma premissa for falsa, mesmo que também haja uma premissa verdadeira proveniente das Escrituras, a conclusão jamais será verdadeira. Nesse sentido, Crescônio não entende a definição de dialética, pois a dissocia da verdade. Ademais, embora ele argumente, argumenta mal: não sabe o que é dialética e, ao empregá-la, faz-lhe mal uso.

É apenas a partir dessa sua percepção hipócrita (pois ele é doutíssimo), que Crescônio reprova Agostinho como dialético. Nesse embate, notamos a defesa da dialética advogada por Agostinho, que a elogia como metodologia que conduz a razão até a verdade. Por ser orientada para a verdade, Agostinho aposta na compatibilidade entre a dialética e as escrituras: ambas têm a Verdade como regra. Daí o exemplo mesmo do dialético ser Paulo ou... o *Christus dialectitus*.⁵³

53 *Cresc. I,18,22:*“Ora, se declaras Cristo um dialético, elogias a dialética da qual me incriminara” (*Si autem Christum dixeris dialecticum, laudabis dialecticam, quam mihi pro crimine obieceras*).

Bibliografia**EDIÇÕES E TRADUÇÕES DE OBRAS DE AGOSTINHO DE HIPONA:**

_____. (1938). *De dialectica*. Tradução, introdução e notas de B. Darrell Jackson. Dordrecht. Boston: D. Reidel Publishing Company.

_____. (1974). *De ordine*. GREEN, W.M. (Ed.) *Corpus Christianorum Latinorum*, 57. Turnhout: Brepols.

_____. (1970). *Retractationes*. MTZENBECHER, A. (Ed.) *Corpus Christianorum Latinorum*, 29. Turnholti: Brepols.

_____. (1968). *Traité Anti-donatistes, vol. IV: Contra Cresconium libri IV, De único baptismo*. Bibliothèque Augustinienne, 31, 1ª s. Paris: Desclée de Brouwer, p. 9-67.

_____. (1909). *Contra Cresconium Libri quattuor*. PETSCHENIG, M. (Ed.) *In: Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum*, 52, Vindobonae-Lipsiae. Disponível em: https://ia800309.us.archive.org/31/items/CSEL52/CSEL52_text.pdf

LITERATURA SECUNDÁRIA

BROWN, P.R.L. (1963). "Religious Coercion in the Later Roman Empire. The case of North-Africa". *History*, 48, p. 283-305.

DEVEER, A.C. (1968). "Introduction". *In: AUGUSTIN, Traité Anti-donatistes, vol. IV: Contra Cresconium libri IV, De unico baptismo*. Bibliothèque Augustinienne, 31, 1ª s. Desclée de Brouwer, p. 9-67.

FUHRER, T. (2006). "Augustine on Rhetoric and Dialectic in Theory and Practice". *Classica*, 19, n. 1, p. 99-114.

MALATESTA, M. (1999). "Dialectic". *In: FITZGERALD, A.D. (Org.) Augustine through the Ages: an Encyclopedia*. William B. Eerdmens Publishing Co., p. 269-271.

MARROU, H-I. (1949). *Saint Augustin et la fin de la culture antique. Retractatio*. Paris: De Boccard.

MAYER, C. (Org.) (2004-2010). *Augustinus-Lexikon*, vol. 3. Augustine's works and critical editions. Basel: Schwabe & Co. AG, p. I-LVIII.

MONCEAUX, P. (1923). *Histoire littéraire de l'afrique chrétienne, t. 7: Saint Augustin et le donatisme*. Paris. (disponível na internet in Gallica).

MATTEOLI, S.; SIEBEN, H.J. (2013). "Contra Cresconium Grammaticum et Donatistam". In: POLLMANN, K. (Org.) *The Oxford Guide to the Historical Reception of Augustine*, vol. 1. Oxford: Oxford University Press, p. 185-190.

MOUREAU, M. (1996-2002). "Ad Cresconium grammaticum partis Donati (-Ad)". In: MAYER, C. (Org.) *Augustinus-Lexicon*, vol. 2: *Cor-Fides*. Basel: Schwabe & Co. AG, p. 131-137.

_____. "Cresconium Grammaticus". (1996-2002). In: MAYER, C. (Org.) *Augustinus-Lexicon*, vol. 2: *Cor-Fides*. Basel: Schwabe & Co. AG, p. 137-140.

PEPIN, J. (1976). *Saint Augustin et la dialectique*. Villanova: Villanova University Press.

PETSCHENIG, M. (1909). "Praefatio". CSEL 52, p.V-XV.

RUEF, H. (1996-2002). "Dialectica, dialecticus". In: MAYER, C. (Org.) *Augustinus-Lexicon*, vol. 2: *Cor-Fides*. Schwabe & Co. AG, p. 407-414.

TILLEY, A.M. (1999). "Contra Cresconium". In: FITZGERALD, A.D. (Org.) *Augustine through the Ages: an Encyclopedia*. William B. Eerdmens Publishing Co., p. 255-256.

RESUMO

Agostinho de Hipona recebeu uma formação intelectual nos moldes da cultura clássica, tendo sido educado segundo o ciclo disciplinar varroniano. Provém dessa educação sua apreciação da dialética como arte que instrui argumentar corretamente e que permite discernir, nos discursos, os elementos que geram a falsidade da conclusão. É a dialética que permite conectar proposições verdadeiras para alcançar conclusões também verdadeiras e é ela a ciência que deflagra a falsidade e a dissimulação nos argumentos. Ora, na obra Contra Crescônio, gramático e donatista, Agostinho defende-se da acusação descabida de ser ele um homo dialecticus que, por sua habilidade de argumentar, falsearia o verdadeiro e tornaria o verdadeiro falso. Crescônio, para acusar Agostinho, acusa a dialética. Em sua réplica, Agostinho defenderá a eminência e importância dessa ciência para, a partir desse fundamento, atacar o donatismo e, finalmente, liquidar Crescônio. É precisamente essa apreciação positiva da dialética que este artigo pretende destacar, ressaltando assim a importância do estudo de Contra Crescônio para o estudo da dialética agostiniana.

Palavras-chave: Agostinho, dialética, argumentação, donatismo.

ABSTRACT

Augustine of Hippo received an intellectual formation in the molds of the classical culture, having been educated according to Varro's disciplinary cycle. This educational background provided him an appreciation of Dialectics as the liberal art which instructs to reason correctly, and allows discerning, in discourses, the elements that generate false conclusions. It is Dialectics that allows connecting true propositions to reach true conclusions, and it is the science that deflagrates falsehood and dissimulation in arguments. In his work, Against Cresconius, grammarian and Donatist, Augustine defends himself against the unreasonable charge of being a homo dialecticus, who, by his ability to argue, would falsify the truth and turn it false. Cresconius, to accuse Augustine, charges dialectics. In his reply, Augustine will defend the eminence and importance of this science to, from this foundation, attack Donatism and, finally, liquidate Cresconius. It is precisely this positive appreciation of Dialectics that this article intends to highlight, thus highlighting the importance of studying Contra Cresconius for the study Augustinian Dialectics.

Keywords: Augustine, Dialectics, argumentation, Donatism.

Recebido em fevereiro de 2018
Aprovado em setembro de 2018